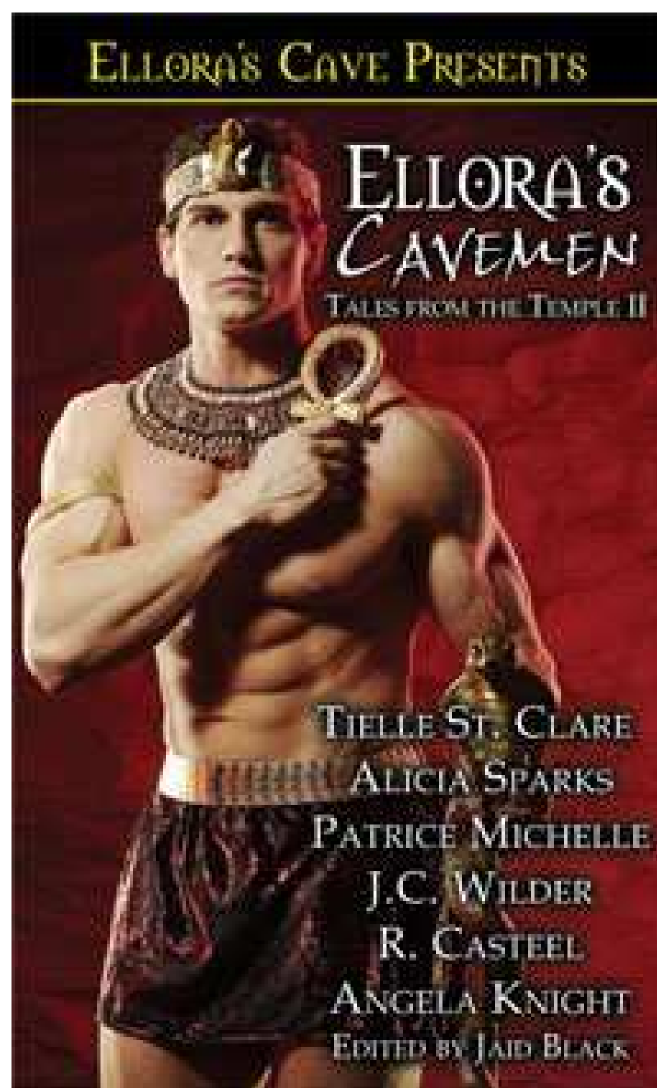
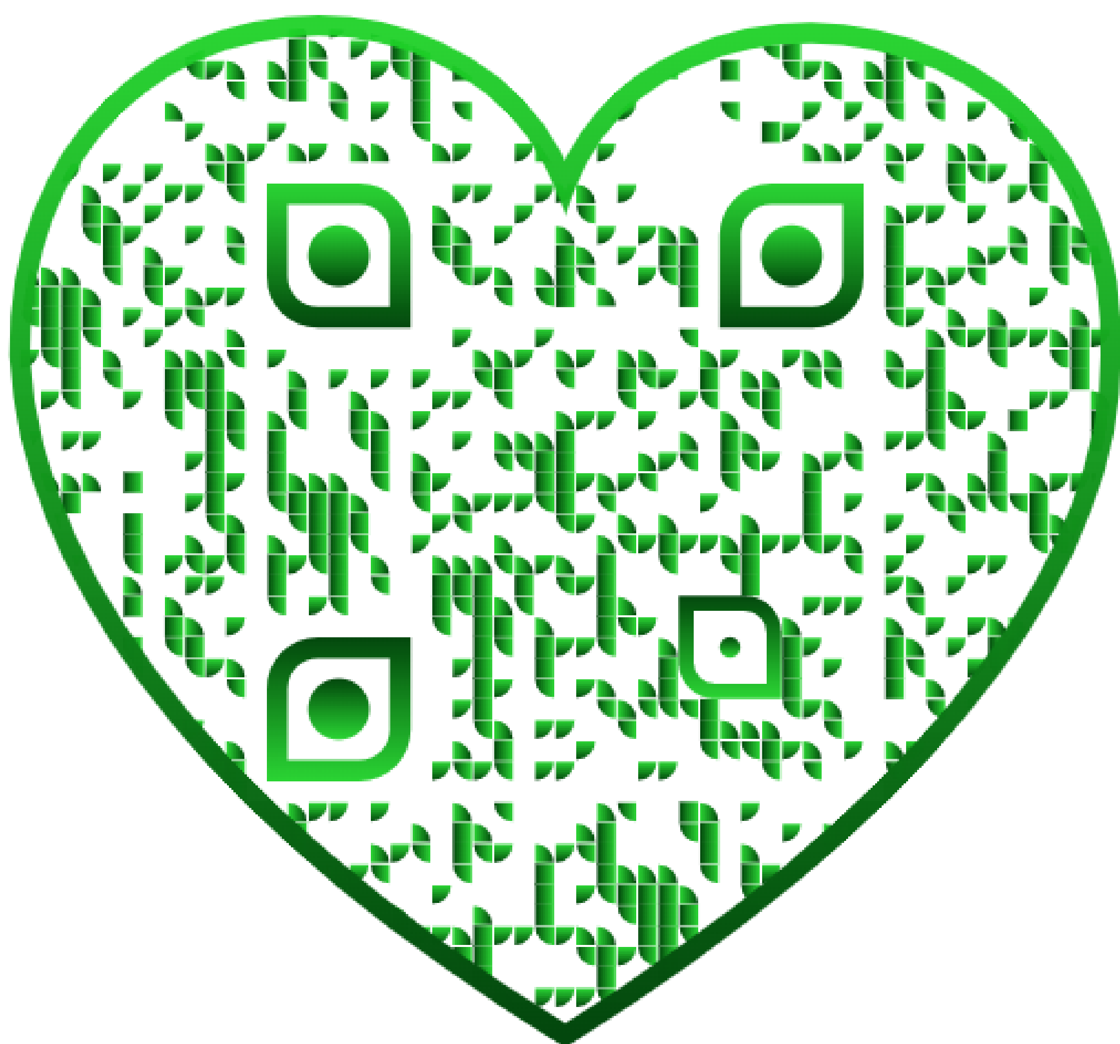


A LEI DO DRAGÃO: MACE

Alicia Sparks

Disponibilização/Tradução e Revisão: Danyela
Revisão Final:Shirley Souza
Formatação: Danyela
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Quando Mace resgatou Eleanora das garras de um dragão, não tinha intenção alguma de emparelhar-se com ela, mas o destino teceu seus fios demonstrando que algumas vezes as forças da natureza e o desejo são mais intensas que a própria vontade dos homens. Absorto em uma profunda febre, não tinha nem idéia de que acabava de



derramar o sangue virginal da mulher... até que despertou unido ao seu suave corpo.

CAPÍTULO 1

Perto do Waydon, uma pequena aldeia perto de Tyr no planeta Tyr-A Roche. Na atualidade.

O vento ululava fazendo que os pequenos cabelos no pescoço de Eleanora separassem em sinal de atenção. Ela tragou o nó que se formou em sua garganta e esperou. Os pássaros da noite que cantaram suas boas-vindas à lua alguns segundos antes, agora estavam calados, como se esperassem a chegada de uma força ameaçadora que os arrancaria do céu. O espaço aberto estava iluminado pela lua clara, enquanto a escura, um círculo negro no céu noturno, pendurava em sinal do que estava por chegar.

Os passos ensurdecedores pareciam reverberar a medida que se aproximavam. Eleanora escutou como os ramos das árvores golpeavam e as folhas rangiam sob o poder da besta que se aproximava do lugar do sacrifício. Em suas mãos atadas, aparecia a transpiração. Estava preparada para o que o destino estabeleceu para ela. Quando o dragão se aproximou, ela levantou o queixo, desejando poder enfrentar a morte igual como suas irmãs fizeram. Se tão somente ela pudesse ser o último sacrifício, uma garantia para que os aldeãos não tivessem que seguir lutando para saciar o desejo de sangue do dragão.

O dragão se agachou frente a ela e deixou escapar um grunhido penetrante, que a fez retroceder, perdendo sua valentia. Um lento calafrio percorreu suas costas ao observar o dragão. Não era maior que um homem, mas a sua presença dominante no espaço aberto era suficiente para fazer com que o calafrio se transformasse absolutamente em tremor. Jamais vira um dragão tão de perto e não tinha idéia do que esperar dele. Estava segura de que não era o que ela imaginara. Calma, ela era dominante o suficiente para repensar o seu plano de ataque, que era usar a magia para se libertar e deixá-lo indefeso contra ela. Acovardou-se ao ver sua cauda, que se sacudia como a de um gato e dobrava o tamanho de seu corpo. A primeira vista a cauda parecia inofensiva, mas seus espinhos eram conhecidos pelo veneno que injetavam em suas vítimas. Fechou os punhos enquanto considerava

melhor seu plano de ataque. Uma onda de náuseas ameaçou invadi-la. Apesar de seu pânico, estava enfeitiçada pela força de sua textura.

Passou os olhos por seu corpo coberto de escamas e mordeu o lábio ao levantar a cabeça, atrevendo-se a olhar sua cara. O perfil era quase humano, mas não havia nada de humano na maneira como se movia sobre o corpo dela, preparado para fazer dela sua última comida, no momento em que seu fôlego quente percorreu seu rosto.

Escutou o uivo uma vez mais, fazendo com que ela estremecesse, mas deixou de se aproximar quando levantou a cabeça para cheirar o ar, como se sentisse outra presença. Suas mãos congelaram e todo seu corpo ficou paralisado. O dragão a olhou nos olhos por um momento e ela sentiu que seus olhos cinzas refletiam uma grande dor.

Girou e moveu a cauda para trás e para frente antes de atacar.

O dragão cobriu o corpo dela enquanto emitia um grunhido que soou como dor. Eleanora tentou manter o ritmo de sua respiração, recuperar-se de seu momento nos olhos do dragão, mas seu corpo se negava a cooperar. Devia agir agora e salvar-se, mas não podia mover os braços. O som penetrante do rugido do dragão a pôs em ação. Ante o som de seu grito, ela sentiu um golpe de eletricidade que atravessou seu corpo e foi o suficiente para que suas antes congeladas extremidades se movessem.

Pronunciou as palavras em um instante, antes que pudesse pensar no feitiço. Logo que escaparam de seus lábios, os grilhões caíram ao chão, liberando-a de sua prisão temporária. Só que agora, eram dois os dragões que a impediriam de ficar a salvo.

O negro cortou o caminho, o que tinha os olhos que vira tão claramente. Logo avançou o vermelho à carga, competindo com o negro pelo domínio. Eleanora estava apanhada, incapaz de mover-se entre ou ao redor dos dragões, incapaz de ficar a salvo. Encolhendo-se sobre a terra, Eleanora ficou enfeitiçada quando o dragão negro cobriu seu corpo, protegendo-a da fúria do vermelho.

Nos momentos que se seguiram, o negro deixou escapar um uivo e o sangue correu dos compridos cortes de navalha em suas costas. Encerrou o negro em um círculo, os dois como animais selvagens competindo por comida. Ela tragou com força. Se se davam conta de que ela ainda estava lá, na escuridão, nenhum deles demonstrou nada.

Inspirou uma vez mais, decidida a terminar com a destruição que os dragões traziam para sua aldeia. Cada onda de coragem que pôde ter tido algumas horas atrás desapareceu ao considerar sua estratégia. Duas bestas ferozes brigavam a só umas polegadas de distância dela. E jamais se havia sentido tão insignificante como neste momento.

Logo, no último momento, o dragão vermelho calculou mal. Viu-a e isso o distraiu tempo suficiente para dar vantagem ao negro.

Sangrando, uivando de dor, o negro saltou e afundou seus dentes na jugular.

O vermelho não caiu como ela esperava. Sabia que os dragões deviam perder muito mais sangue do que um corte superficial podia produzir. E se curavam mais rapidamente que os humanos. Mas o negro não se deu por vencido. Os olhos da Eleanora olharam assombrados quando ele saltou uma vez mais, desta vez praticamente arrancando a veia do pescoço de seu oponente.

Agora, uma vez que se submetera ao vermelho, o negro virou. O vermelho que estava no piso sob a luz da lua, quase parou de sangrar. Antes que ela tivesse tempo de reagir, tudo ficou escuro.

* * * * *

Eleanora tremeu, acreditando que estava morta. A última coisa que recordava, antes que a escuridão a cobrisse foi à passagem rápida de uma cabeleira vermelha e a espetada da cauda do dragão ao penetrar sua pele, picando o seu ombro. O cabelo vermelho não era do dragão, cuja carne era negra como a da noite. E tampouco era dela, a menos que...

Levantou uma débil mão para seu cabelo, perguntando-se se estava talhada de sangue. Abriu lentamente os olhos, entrecerrando-os para ver o céu noturno por detrás de um véu de consciência e inconsciência. Quanto tempo esteve inconsciente? O dragão que ameaçou chupar seu sangue voltaria para terminar sua tarefa.

Tentou sentar-se, mas se sentiu enjoada e débil. Disse a si mesma que devia mover-se devagar, inspirar pouco a pouco, voltar a controlar seu corpo antes de tentar escapar no claro e esconder-se no bosque. Começou a mover os dedos dos pés, logo os pés, e se sentiu satisfeita ao ver que seu corpo estava intacto. A sensação se elevou a suas pernas até que finalmente levantou o pescoço sem sentir ondas de náuseas consumindo-a.

Apoiou-se e se levantou até estar sentada, esperou que o mundo deixasse de girar. Por Deus! O que aconteceu aqui esta noite? Enquanto recordava, seu coração se acelerou e tomou uns segundos para acalmar seu ritmo. Os dois dragões brigavam pelo domínio e aparentemente a deixaram.

Estirou seus braços sobre sua cabeça. O movimento não foi tão gracioso como o de um gato despertando de um prazeroso e profundo sonho. Seus braços magros pareciam brilhar sob a luz da lua ao terminar o eclipse e ao aparecer à lua clara uma vez mais. Eleanora afastou seu comprido e negro cabelo para trás de seus ombros, desejando ter algo para atá-lo. Seu corpo se negava a mover-se, cada

vez que o fazia doía, precisava de muita força e o seu ombro doía, enquanto o sangue banhava sua cabeça. Por que não morreu?

No primeiro intento para levantar-se as ondas de náuseas a golpearam outra vez. Girou sobre seu estômago com a esperança de ficar primeiro de joelhos e começar a mover-se nessa posição. Foi então quando viu o dono do cabelo vermelho que recordava.

O homem estava a uns 30 centímetros de distância dela. A cabeça dele quase tocava a dela, e a massa de cabelos vermelhos parecia uma lacuna de líquido precioso sobre a terra. Se Eleanora não tivesse estado o suficientemente perto para tocar as mechas sedosas, teria acreditado que era sua essência de vida vertida sobre o pó. De fato, a cena era bastante aterradora. Ele não se moveu quando ela se aproximou.

Ela acomodou seu corpo e engatinhou os poucos passos que a separavam dele. Engasgou-se e levou a mão ao peito para cobrir seu coração. Não estava preparada para ver aquilo.

Ofegou em voz alta no momento em que ele gemeu. Graças a todos os deuses, ele estava vivo! Seu corpo cheio de graves cicatrizes estava coberto de sangue seco, que não era o dela. Uma ferida em seu pescoço dava amostras da batalha que devia ter lutado para salvá-la dos dragões que a ameaçavam com a morte, segura entre seus dentes. Ele devia ser a razão pela qual os dragões abandonaram sua busca. Só de pensar fazia seu coração se abrir, mas também produzia outras sensações, que ainda não podia definir, sensações que aumentavam ante a sua nudez.

Ele estava glorioso e belamente nu. Ela passou seus olhos pelo seu torso nu, tenso, bronzeado, firme. Logo os baixou aos seus peitorais perfeitamente formados e seus dedos morriam por tocar sua carne. Desviaram-se junto ao seu membro, seu, sua... virilidade. Tirou seus olhos dessa parte do corpo dele antes de poder definir as sensações que produziam, antes de lamber os lábios e pensar...

Nunca alguém antes brigou por ela.

Antes desta noite, nunca houvera a necessidade de proteger sua vida, exceto pelo fato de que ela estava predestinada a ser o sacrifício para o dragão, igual como foram suas irmãs antes dela. Os homens da aldeia sabiam disso e, portanto, nunca fizeram nada para ajudá-la com algum de seus problemas. Só este homem, este estranho, viera em sua ajuda. Certamente, ele seria um cavalheiro, apesar de que jamais o vira antes. Não devia ser de Waydon.

A ferida que ela tinha no ombro vibrava, e temeu que o veneno do dragão tivesse entrado em seu organismo. Em lugar de debilitá-la, como ela pensava, de algum jeito fez com que seu coração acelerasse e seus sentidos despertassem. Desejos que jamais havia sentido subiram à superfície, todos juntos e de repente. Seus dedos se sentiam tentados a

tocar a carne do homem. Desejava passar suas mãos por todo o corpo dele. Em troca, a única coisa que fez foi pôr sua mão sobre o peito dele para sentir os batimentos de seu coração. Tirou a mão imediatamente, pois o calor de seu corpo a queimava. Tinha febre e morreria se ela não fizesse algo para baixá-la.

Eleanora sabia que não servia muito aos aldeãos. Sabia bem pouco de remédios de ervas. Apesar de ter sido treinada como curandeira, não era seu dom. Sua irmã mais velha sim tinha o dom, mas morreu muito jovem em poder de um dragão. Entretanto, para honrar sua memória e tomar seu lugar na comunidade, forçou-se a tentar essa arte. E não fazia outra coisa senão zangar Liesel, a alta sacerdotisa e curandeira.

Retorcia as mãos procurando freneticamente uma resposta para este problema. O homem era tão grande, duvidava poder movê-lo sozinha. E não tinha para onde levá-lo. Caso voltasse para a aldeia, seria exilada por não ter completado o seu destino sob as garras do dragão. Se ficassem aqui, no claro, ele provavelmente morreria.

Não tinha alternativa senão levá-lo a cabana vazia de Liesel, que estava o suficientemente longe da aldeia para servir de amparo tanto aos aldeãos como de futuros dragões. Esperava por isso.

Levantou-se e olhou o homem no chão, sabia que não poderia caminhar. Tinha febre e murmurava em um idioma que ela não compreendia. Ela se inclinou para levantá-lo, enfraquecendo seus ombros feridos. Quando, adormecido, ele uivou, deu-se conta de que não poderia movê-lo. Pelo menos, não desta maneira.

Limpou as palmas transpiradas na saia de seu vestido. Fazia poucos minutos que sobrevivera ao ataque de um dragão. Certamente, poderia salvar um homem.

Ele era muito mais pesado do que imaginara. De todas as maneiras, ele respondia quando ela o puxava e usou a parte superior de seu corpo para sujeitá-lo enquanto o movia para frente. Ele emitia uns gemidos graves e prolongados, enquanto avançavam através do denso bosque até a cabana. Quando ela o jogou sobre o pequeno colchão, ele lançou maldições e sua pele ardeu. Eleanora sabia que devia baixar sua febre ou sofreria da enfermidade do cérebro. E logo morreria.

Algo em seu intestino protestou contra essa idéia. Não permitiria que ele morresse. Não importava o que tivesse que fazer para mantê-lo vivo, prometeu fazê-lo.

Atou seu comprido e despenteado cabelo e usou alguns dos broches de Liesel para mantê-lo em seu lugar. Logo, começou a trabalhar sobre o paciente. Primeiro, limpou suas feridas, começando pela mais grave no pescoço.

Enquanto trabalhava, tratava de não pensar em passar suas mãos pela carne dele ou no calor que, agora, irradiava de seus ombros até o

peito. Escutou contos sobre o veneno que os dragões injetavam em suas vítimas e não tinha idéia do que esperar da pequena ferida em seu ombro.

Introduziu a esponja na infusão de ervas que preparou. Em seguida pôde sentir o doce aroma das ervas. Mescladas com a essência varonil dele, era mais que suficiente para fazer com que suas mãos tremessem. Espremeu a esponja e a passou brandamente pelo rosto dele.

Seu nariz era bicudo, aristocrático. Terminava em uma mandíbula quadrada, perfeitamente esculpida. Seus olhos eram grandes. Perguntava-se, enquanto passava a esponja por sua fronte poderosa, de que cor eles seriam. Tratava de não olhar os seus lábios enquanto passava a esponja ao longo da mandíbula. Belos lábios, carnudos, perfeitos. Atormentavam-na e faziam com que pensasse, pela primeira vez em sua vida, como seria beijar a um homem.

Afastou o pensamento de sua cabeça e passou a esponja por seu pescoço. Tinha um pescoço comprido, grosso, que se unia aos ombros mais largos que já vira. Seu peito com cicatrizes da batalha era suave e sem pêlo. Esperava ser explorado. Inalou e permitiu que seu olhar e suas mãos pousassem mais abaixo, em seu ventre.

Isso estava ali mesmo, sólido como uma pedra, pressionando contra o seu ventre. Tratou de não olhá-lo, mas não podia tirar seus olhos de cima. Jamais viu um homem nu, mas seu instinto dizia que este não era como os outros. Seu membro era comprido e demandava sua atenção. O capuz que normalmente o cobria estava estirado, devido a seu estado de... excitação?

Levou a esponja até suas pernas, primeiro uma e depois outra, seus olhos não deixavam de olhar sua coisa. Seus dedos roçaram o suave pêlo que cobria suas coxas musculosas.

Fechou os olhos, envergonhada ante a sensação, quando um pequeno gemido escapou dos lábios dele. Imaginava esses poderosos músculos em cima dela enquanto que...

Eleanora se deteve. Ele estava ferido. Era seu paciente. Devia lembrar.

De todas as maneiras, enquanto lavava seus pés, seus olhos se perdiam na massa de cachos vermelho sangue que a chamavam. Fazendo-a pensar como sentiria isso.

Ela sabia sobre copular. Sabia o que era necessário para manter a raça. Mas desde que ela e suas irmãs foram escolhidas para os dragões, também sabia que copular não era para ela. Jamais conheceria o tato da pele de um homem contra a sua, a sensação de um beijo. O calor de... Oh Deus! O calor.

Pressionou suas coxas, esperando desfazer-se da necessidade que crescia em seu ventre. E mais abaixo, como se o calor de sua ferida se deslocasse para o seu interior, fazendo com que estivesse totalmente consciente do homem que estava ante ela e as necessidades que pareciam crescer segundo a segundo. Tremia ao pensar em tê-lo em cima dela, dentro dela, mordeu o lábio inferior até que o gosto salgado de sangue a trouxe para a realidade da tarefa que devia realizar.

Cobriu o corpo dele com os lençóis de Liesel, evitando cuidadosamente todo contato com sua pele. Logo começou a fazer uma mescla de ervas para o chá que baixaria a febre. Enquanto o fazia, pensou na ferida que ele tinha no pescoço, já não estava tão mal como pareceu a princípio. De fato, via-se muito melhor aqui, à luz da vela, do que sob a luz da lua, o que a fez pensar se, em realidade, era para pôr em perigo sua vida. Talvez fosse o seu pânico que a fez ver a ferida como grave.

Voltou a olhar o paciente, que ainda não se movia, embora seguisse murmurando coisas incoerentes. Deixou o chá para que se assentasse um minuto, dirigiu-se ao outro quarto e começou a tirar a roupa de seu corpo coberto de suor enquanto tentava tirar da cabeça o homem no outro quarto.

Está inconsciente, disse-se a si mesma, envergonhada. E se tiver uma esposa? Filhos? Jamais o viu antes desta noite, mas isso não queria dizer que estivesse sozinho. Certamente alguém o amava e o estava procurando. Seu dever era curá-lo e devolvê-lo a quem o necessitava.

E logo iria da aldeia. Não convinha ficar. Liesel falava maravilhas das terras além das montanhas. Contos de meninos, ela sabia. Mas era uma terra de riquezas que superava todo o imaginável. Cheia de príncipes e aprimoramentos. Luzes artificiais adornavam grandes jantares. A comida não era simplesmente uma necessidade senão um prazer para os sentidos.

Sim, aí estaria seu futuro. Sabia costurar, era muito boa cozinheira e se salvasse a este homem, seria também, inclusive, uma boa curandeira.

Decidiu que tomaria um banho rápido para acalmar seus nervos. Além disso, sua roupa estava arruinada e seu corpo sujo depois de tudo pelo que passou. Abriu a água e tentou sossegar seus pensamentos sobre o homem no outro quarto, o homem que a salvara sem parar para pensar nele. A água corria cálida sob suas mãos, trazendo-a a realidade. Liesel enfeitiçou o manancial de água quente e fez com que fluísse em seu poço. Eleanora só se banhou aqui uma vez e a sensação foi então demasiada para ela. Combinada com o homem ao lado estava segura de que cederia por completo a todos os excessos. Não, não

deveria. Tinha que salvar o homem. Era a única forma com a qual poderia pagar sua generosidade, abandonar a aldeia e ter uma vida própria.

Quando deu volta com o seu vestido se surpreendeu com as rupturas que tinha e com a ferida em seu ombro. Todavia era útil, mas agora o substituiria por uma túnica cinza de Liesel. Tomou a esponja, passou-a ligeiramente pelo sangue em seu ombro e notou, ao voltar a olhar sua ferida, que não era mais que um arranhão, que já começava a cicatrizar. A dor aguda no ombro persistia e realmente a despertou, cada nervo de seu corpo, o que fazia com que temesse estar envenenada pelo dragão. Se morresse esta noite, ninguém salvaria ao homem que tão desesperadamente precisava dela.

Eleanora procurou sua roupa interior e começou a baixá-la pelas coxas. Foi aí que se deu conta da umidade. Aí. O perfume flutuava no ar até ela, uma combinação de suor e algo mais. Lembrou que as mulheres contavam como se preparavam para poder copular com seus homens. Abriam-se para eles, cobriam-nos com um líquido que os convidava a entrar. Nunca acreditou que teria essa sensação.

A febre a queimava como nunca antes. Era como se não pudesse controlar sua mão que baixava por seu corpo e se atreveu a tocar-se. Ninguém tinha por que saber. A massa de cachos estava úmida quando seu dedo deslizou mais profundamente para baixo, procurando algo. Tratando de encontrar o lugar que mais lhe doía. Quando seus dedos fizeram contato com sua pequena protuberância, inalou profundamente. Este era o lugar. Esta coisa endurecida. Daqui saía o calor. Mas não o líquido.

Queria explorar. Seus instintos diziam que existia um prazer inimaginável que a esperava dentro de seu próprio corpo. Deslizou um dedo mais abaixo, descobriu a fonte da umidade. Aí. Ah, sim, aí. Abriu os lábios e os sucos cobriram seus dedos. A abertura. Ela sabia a respeito deste lugar que Liesel chamava de bainha para a espada do amor. Riu-se como uma menina na primeira vez que escutou falar em copular, mas agora sua curiosidade de mulher estava tirando proveito disso. Aqui é onde estaria seu amante. Ele a tomaria, ficando em cima dela, deslizando-se dentro dela.

Tremendo e tratando de tirar a febre da cabeça, do corpo, ela empurrou de volta seus pensamentos para homem adormecido, o único homem que ela desejava que a tocasse. Que ela sabia ser diferente dos outros.

“O que está fazendo?”. Eleanora repreendeu a si mesma. Tirou sua mão rapidamente. Ele estava doente, possivelmente morrendo, e ela aqui fazendo algo que não devia.

Submergiu rapidamente da água, as terminações nervosas despertaram quando a calidez golpeou sua mente de mulher, com as imagens de um amante enchendo sua mente. De repente, coisas que jamais experimentou entraram em sua mente, quase como se viessem de uma fonte exterior. Quase como se o sangue do dragão tivesse criado os pensamentos, as sensações. Sua respiração acelerou e seu corpo começou a tremer ao pensar como se sentiria com a língua de um amante por seu corpo.

Não sabe nada de amantes. Agora toma um banho e se dedique a sua tarefa.

Passou o tecido por seu corpo o mais rápido possível. Não havia necessidade de entreter-se, especialmente dado que o chá já estava preparado. Afundou sua cabeça na água, ensaboou seu cabelo emaranhado e se voltou a inundar uma vez mais para enxaguá-lo. Mais tarde o alisaria.

Saltou rapidamente para fora da banheira e secou com força o corpo, ignorando a dor entre suas coxas. Apertou-as. Mais tarde. Prometeu-se a si mesma que mais tarde exploraria suas profundidades. Não necessitava a um homem para isso não?

O vestido de Liesel apertava seu corpo porque ela era muito menor do que Eleanora. Seus amplos quadris ameaçavam romper as costuras e seus seios quase saíam do bordo do decote. De todas as maneiras, ficava bem. Mordeu o lábio mais uma vez, dando-se conta de que não tinha roupa íntima limpa. Ocorreu-lhe a picardia de sair sem ela e permitir que o ar da noite a acariciasse, como a água o fez. Deslizando seus cachos úmidos nas costas do seu vestido, permitiu que seu cabelo ficasse solto até a cintura.

O homem ainda não se moveu, o que era irônico, tendo em conta todas as coisas novas movendo-se dentro dela. Cantarolou uma das canções de Liesel enquanto servia o chá em uma xícara. “dê-lhe forças”, ela ordenou.

A cama chiou e gemeu quando ela se sentou junto a ele, prova tanto de sua idade quanto do peso que suportava. Levantou a cabeça dele sobre seu regaço, permitindo que a juba vermelha se esparramasse sobre seu vestido cinza, o que fazia com que o visse como opaco e comum. Levou a xícara para aos seus lábios, persuadindo-o com os dedos em suas bochechas.

– Bebe, por favor.

As primeiras gotas de líquido jorraram pelo flanco de sua boca e caíram sobre seu vestido. A segunda tentativa foi bem-sucedida, ele abriu seus lábios sensuais para permitir que o líquido entrasse. Observou como descia por sua garganta quando ele tragava. Ela o curaria, estava segura.

Moveu-se, voltando a pôr a cabeça do homem sobre o travesseiro; sentiu seu regaço mais vazio do que antes. Passou uma mão pela fronte dele. Deixou seus dedos no lugar, enquanto sua pele não a queimasse. O chá faria com que a febre cedesse, mas quanto tempo levaria? Mordeu o lábio inferior nervosamente e tratou de olhar para qualquer lado, menos ao seu formoso rosto.

Examinou a ferida, que estava completamente curada. O corte não devia ter sido tão profundo como ela acreditava. Mas ainda haveria uma possibilidade para o veneno do dragão, uma química da qual não sabia nada. Ele o deixaria cego? Surdo? Seu coração se acelerou ante essa possibilidade. A mulher que o amava choraria por ele.

Inclinou-se sobre ele e seu cabelo, acidentalmente, roçou sua bochecha. Ficou muda, deteve o coração e a respiração quando ele abriu os olhos e a segurou pelo pulso.

A última coisa que viu, antes que ele a puxasse para ele foi o brilho dourado de seus olhos. Logo ele a beijou, seu corpo estava rígido contra o corpo dela, sua mão como uma dobradiça ao redor de seu pulso, machucando-a. Os lábios dele se moviam ferozmente contra os dela, deixando-os inchados e quentes. Ele estava delirando. Devia acreditar que ela era sua esposa.

Ela empurrou sua mão contra seu peito sem resultado algum. Ela gemeu pelo esforço. Foi então quando ele colocou a língua em sua boca, fazendo com que o calor que ela mantinha no limite avançasse, derramando-se desde sua abertura. Ele passou seus dentes pelos lábios dela. Sua mão livre procurou por debaixo das dobras de seu vestido.

Quando ele tocou sua carne úmida e pulsante, ela fechou os olhos. Seus dedos ásperos arrancaram o tecido de seu corpo.

A colcha de pele que os separava já se enredou e havia caído para um lado.

Seu pênis estava ereto e duro e pressionava contra ela.

Tão somente com um movimento, ele a penetrou. Ela não podia controlar suas próprias ações. Ele a estocava e ela o permitia, arruinando-se para outro homem, enquanto seus sucos se combinavam com sangue para deixá-lo entrar. Os gritos de Eleanora atravessavam seus próprios ouvidos, enquanto que os tremores que enchiam o seu corpo a tornavam indefesa.

Olhou ao homem que a tomou tão grosseiramente. Seus olhos estavam fechados. Estava dormindo.

CAPÍTULO 2

Eleanora ficou sentada, tão quieta como seria possível com o fogo que ardia em seu interior. Queria afastar-se dele. Com todas as suas forças e determinação, queria afastar-se. Mas aterrorizada, aferrava-se ao peito dele. Observava como respirava, o formoso subir e baixar de seus músculos em seu sonho. O som baixo e gutural de seu ronco. Isto já era uma mudança. Antes, não produzia sons. Ele viveria. Mas agora, sua maior preocupação era como afastar-se dele. E o fato de que era a última coisa que desejava fazer no mundo.

Levantou-se, sentindo como o corpo poderoso dele deslizava para fora dela. Os sucos saíram disparados de seu interior, escorrendo ao redor dele. Todos os seus instintos diziam que devia afastar-se dele, agora. Todos os seus instintos, exceto o que a forçava a ficar montada e permitir a ele acessar as suas profundidades.

Ele não deu nenhum sinal de sentir que ela estava lá. Voltou a levantar mais uma vez, para cair novamente até que seus ventres se encontraram, os cachos vermelhos dele se confundiram com os negros dela. Ela tremeu ao seu redor e soluçou.

Ninguém jamais saberia que ele a montou, que copulou com ele, que deu a sua virgindade para ele. Ninguém tinha por que saber. Ela poderia contar ao seu marido que foi grosseiramente violada ao cruzar as montanhas. Ou poderia negar-se a ter um marido e viver por sua conta.

Olhou seu rosto formoso. Depois desta noite não desejaria ter um marido. Ele podia não tocá-la, podia nem sequer dar-se conta de que ela estava lá, mas ela estava absolutamente consciente de sua presença.

Tremeu novamente e se apertou ao encontro dele. Dez mil sensações a invadiram ao mesmo tempo. E a mais importante era a necessidade de mover-se agora. Rapidamente.

Subiu sobre ele uma vez mais, logo contou até três enquanto ele deslizava dentro dela. Uma vez mais. Outra vez. Outra mais. Desta vez foi ela quem aumentou a intensidade. Ela balançou seus quadris de atrás para frente, tomando-o por inteiro dentro de seu corpo. Estremeceu, pressionou-se contra ele, acariciou seu peito.

A tensão cresceu dentro dela e ameaçou enlouquecê-la. Seguia derramando sucos sobre o corpo dele. Queria deter-se agora. Precisava parar. Sabia que o que fazia não era certo. Não pertencia a ela. Pertencia a outra mulher. Um homem tão formoso como este devia ter uma esposa. Filhos.

Inclinou-se para beijar seus lábios uma última vez, pensar em filhos era mais do que podia suportar. Foi nesse momento que a sensação se apoderou dela, ameaçando destruí-la.

Começou em algum lugar profundo dentro dela, o lugar onde ele se apoiava contra ela. E subiu até o peito de Eleanora e desceu até seus

pés. Estava muito perto do rosto dele, quando esta sensação a golpeou. Deixou escapar um uivo comprido e baixo e os espasmos fizeram com que seu corpo explodisse.

Os olhos dele voltaram a se abrir. Desta vez não tinham o brilho dourado. Desta vez eram verdes. E com raiva.

Ele praticamente agarrou seu pulso e arrastou-a até o peito dele. As palavras que ele murmurava com a garganta rouca estavam em outro idioma, mas mantinha o ácido de uma maldição. A respiração obstruiu sua garganta; temia escapar. Temia por seu pecado. Ele iria matá-la agora por tê-lo usado assim?

O dragão a assustou, mas este homem se via mais feroz que qualquer dragão. O que a fez pensar que ele era formoso? O rosto dele se retorceu em um sorriso de desprezo, seus lábios gemeram mostrando uma dentadura branca e perfeita. O grunhido que surgia de seu ventre a fez estremecer, esquecendo que ela ainda estava literalmente encaixada sobre ele.

O fôlego dele correu pelo rosto dela, esquentando-a, enquanto a febre queimava sua pele. E seus olhos. Poderia assassinar dragões com esses olhos. Eram olhos sem alma, vazios, perigosos.

A respiração entrecortada e o batimento do coração dela mantinham suas lágrimas a ponto de derramar-se, enquanto esperava que ele a matasse. Com um simples movimento de seu pulso podia romper seu braço como se fosse um raminho. Se ele deslocasse as mãos até sua garganta, poderia asfixiá-la ou romper seu pescoço. As duas opções pareciam extremamente dolorosas. Não se atreveu a mover-se quando seus lábios voltaram a abrir-se. O que uma vez pareceu sensual, agora a deixava a beira das lágrimas. Este homem não podia ser o que a salvara na noite anterior. Se for, por que a olhava como se ela fosse o inimigo?

– O que está fazendo? – A ira distorceu o grunhido que saía de seu peito.

– Eu, eu... – Ela trocou de posição, tratando de liberar-se da mão que sustentava seu pulso, lutando contra seu pau.

– Você, o que? Queria me domar?

– Não, eu... – Sua voz se arrastava as lágrimas ameaçando derramar.

– Então queria acasalar-se comigo?

Ela choramingou, odiando-se por sua evidente debilidade. Enfrentou a um dragão, e decidiu acasalar com um estranho. Viu sua força através de tudo o que ele pretendia fazer.

– Fala, prostituta! – Ele ordenou, sua voz obrigando-a a enfrentá-lo.

Ainda estava metido profundamente dentro dela, Mace a virou e as costas dela ficaram contra a cama. Ela queria trepar com um dragão? Acasalar com um dragão não servia de nada às mulheres mortais. De nada, exceto os óbvios prazeres da experiência. Elas não estavam quando eram dragões... os dragões se viam forçados a acasalar-se com humanos para poder controlar suas transformações.

Ontem à noite, ele estava debilitado depois da batalha com Damon e se forçou a voltar à forma humana, justo depois de golpear a mulher com sua cauda envenenada. Não gostava de estar débil, mesmo que tivesse podido arrancar o amuleto do pescoço de Damon e atirá-lo no abismo criado pelo eclipse. A debilidade era uma qualidade humana, não a de um dragão. Agora que recuperou sua força, podia transformar-se, assustá-la, parti-la em dois com seu impressionante pênis.

Ele podia cheirar seu sexo que uma rajada de ar trouxe até ele. Ela veio, obviamente, sob a influência do poderoso afrodisíaco no veneno. A mulher se satisfez com seu pau de dragão, mesmo sabendo tê-la envenenado com o líquido vil com o qual se alimentou. Só em parte se deu conta disso. Agora, quando as essências do quarto o invadiam, compreendeu o jogo. Ela queria arrastá-lo, controlá-lo. Para que não podia compreender, mas encontraria as respostas. Primeiro, tomaria sua carne.

– Quero que me olhe – Ele ordenou quando ela abriu e fechou os olhos. Tinha o corpo rígido, com sua vagina apertando seu pau como um punho fechado.

– Não posso – Queixou-se ela.

– Sim pode – Tomou seu rosto entre as mãos, brutalmente mantendo o nível de sua cabeça, impedindo-a de se esconder entre as peles da cama. Bombeava com tanta força dentro dela, tão brutalmente, que ela jamais tentaria voltar a controlá-lo. – Olha-me.

Abriu os olhos, piscando. Ao fazê-lo começou a chorar. O dragão dentro dela gritava por justiça, odiava o engano. Queria dominá-la, atá-la a sua própria cama e deixá-la indefesa como ela fez com ele. Mantê-la prisioneira.

Seu pau endureceu ao pensar nisso. Gostava de sexo rude e sujo. Sim, o dragão não queria outra coisa mais que golpeá-la, devastar seu corpo, enchê-lo de hematomas. A respiração de Mace acelerou e lutou para controlar-se, lutou para vencer a besta que surgia ameaçadoramente dentro dele. Justamente quando começava a obter o controle, o aroma o atacou. Havia algo mais misturado com ele. Sangue.

As mãos dele moveram-se para os lábios de sua vagina, que tremeram quando seus dedos os abriram e gozaram pela base de seu pênis. Suas suspeitas se confirmaram ao trazer os dedos a sua boca. Esta mulher, quem quer que fosse, derramou seu sangue virginal sobre

seu pênis, fazendo com que ele ficasse indefeso ante ela. E o dragão dentro dele, que com ira desejava machucá-la, subjugou-se agora, enquanto Mace pensava no acontecido.

Uma virgem? O que quereria uma virgem com um dragão? O que era ainda mais importante, quem era o responsável por este engano? O que sabia era que este plano era suspeito e se parecia com as coisas que fazia seu irmão, Damon. Inclusive podia cheirar sua essência na boceta da mulher, como se Damon a tivesse atado à rocha, deixando-a ali para que Mace a encontrasse e lutasse. A real batalha não foi pela mulher, mas sim para obter o controle de Tyr, algo que Mace não permitiria facilmente.

– Deveria te matar – Sustentou seu rosto, mantendo os olhos dela sobre os dele. – Penso, porém que a usarei primeiro. Ao final deste período lunar, você me desejará com ânsias que eu a toque. E me dirá por que me trouxe aqui, por que procurou me controlar com seu corpo. E quem é o responsável por derramar seu sangue sobre meu pau. Ele quis que as palavras fossem brutais, apesar da emoção detrás delas não era genuína. Tragou com força e tirou os últimos vestígios de ira de dragão da sua mente e se concentrou na mulher que estava diante dele.

Ela tremeu de forma evidente ante suas palavras. "Derramou sangue". Ele sentiu o medo dela. Mas também havia algo mais.

– Sim, você o fez – Empurrou forte dentro dela contra seu útero.

– Eu te desejava... queria te agradecer por... – Sua voz desapareceu.

– Por que? – Ele saiu de dentro dela e logo voltou a penetrá-la, lentamente. Escondeu seu sorriso quando ela fechou os olhos e mordeu o lábio inferior.

– Por me salvar do dragão ontem à noite.

– Salvá-la? – Conteve a gargalhada. Salvar a ela? De um dragão? Raios! Esta mulher não sabia de quem era o pau que estava afundado dentro dela?

– Sim, mas, por favor, não pode dizer a ninguém.

Ele voltou a mover-se, fora e então dentro, olhando os olhos dela arderem ante cada movimento. Ele se retirou uma vez mais, esperando com seu pau dentro do seu buraco úmido e estreito. Quando ela arqueou levemente as costas, investiu-a por completo, enfiando seu pau. O gemido que saiu de seus lábios era exatamente o que ele esperava. Uma virgem que ele gostava de trepar. Uma virgem que podia ser controlada por seu pênis.

Damon se equivocou ao escolhê-la. Talvez ele tivesse excitado sua vagina por si mesmo. Lambendo-a. Mantendo-a como refém enquanto jogava com seus lábios, passava sua língua entre as bordas de suas

dobras. Talvez, inclusive colocou sua língua para saborear sua nata. De qualquer maneira, criou uma mulher que amava o sexo. E esse foi seu primeiro engano. Mace a podia controlar facilmente. Iria agarrá-la todos os dias e durante muito tempo, ensinar-la o que o satisfazia e apagaria a língua de Damon de sua memória. E quando finalizasse a lua, a enviaria de volta a seu irmão, arruinada. Ela seria sua prostituta, não a de Damon. E traria os segredos de seu irmão.

Um sorriso cruzou por seus lábios. "Agradeça-me, pequena", disse sedutoramente.

O corpo da Eleanora reagia ao dele da única maneira que sabia. Abria-se para ele, apertava-se a ele rogando liberação. Ele era selvagem e indomável. Perigoso. Tudo a respeito dele lhe dizia que estava com problemas. Em sua cabeça pouco instruída, pois não tivera sexo antes.

O corpo dele a apertava contra o colchão ao balançar dentro dela devagar, mantendo-a no limite de algo. Mas os olhos dele, diziam a ela que não estava dizendo o que ele queria escutar. Não acreditava nem confiava nela ainda que a torturasse com o desejo de uma doce liberação.

– Está pensando em como escapar, não é? – Sorriu.

– Não, eu…

– O que? – Não tinha respostas para ele.

– Cale-se agora – ordenou cobrindo seus lábios com um dedo. – Deixe-me te dar o que deseja.

O corpo dela se abriu para ele, ampliando-se para acomodar seu pau que não parava de crescer. Neste momento, ela não podia pensar. Não com ele deslizando dentro e fora de seu corpo, estirando-a, enchendo-a, levando-a até o abismo e trazendo a de volta.

Agarrou-se a ele, suas unhas rotas cravavam na tensa pele de seus ombros. Apertou seus olhos só para abri-los quando a mão dele golpeou brandamente suas bochechas. Sua mão era grande e áspera, mas não teve a intenção de machucá-la, o que a chocou mais do que se ele a tivesse golpeado com seu punho. Tocava-a com suavidade nas bochechas, recordando para que o olhasse.

Cada vez que ela se abria, a brindava com um meio sorriso, que parecia mais o bramido de um animal que o sorriso de um homem. Havia tanto de animal nele. A maneira com que sustentava sua cabeça, como emitia grunhidos graves e prolongados enquanto se movia.

– Você gosta do meu pênis? – ele arrulhou, excitando-a uma vez mais com o tom sedutor de sua voz.

– Por favor, eu…

– Ah, agora você deseja implorar. Rogue-me. Rogue-me – grunhiu ele.

– Por favor, não… necessito… – A pressão crescia em algum lugar dentro dela e sentiu que não podia controlar os milhares de pensamentos que atravessavam sua cabeça. Os olhos do homem queimavam os seus, sua repugnância era óbvia, entretanto continuava tomando seu corpo, falando brandamente, com crueldade, para fazê-la sentir coisas que ela não podia explicar.

– Sei o que é o que você precisa – Tinha as pernas apanhadas dentro das dele enquanto ele se movia lentamente. Ela gemeu quando ele se levantou sobre ela e tomou seus tornozelos em suas mãos, abrindo-a completamente. Quando ele voltou a bombear dentro dela, Eleanora gritou. Quase podia senti-lo na garganta de tanto que ele a enchia.

– Assim, hein? – Sua voz era áspera enquanto a olhava, mas seus olhos estavam vivos de desejo e contradiziam seus insultos.

Ela sabia que o satisfazia, ainda que não pudesse responder a sua pergunta. Aferrou-se a beira de um nada negro que ameaçava controlá-la, consumi-la. Era como se um fogo líquido estivesse se acumulando e acumulando. Os movimentos lentos dele aumentaram. Suas pernas doíam de tão abertas e estiradas que estavam. Doía tudo, por causa de seu tamanho.

– Está preparada para gozar para mim?

Ela não tinha a menor ideia do que ele queria dizer. Ela sabia que estava preparada para algo. Assentiu e seus movimentos tiveram maior frenesi.

Em cada investida, ela continha o fôlego. Era assim como alguém se sentia ao morrer? Suas irmãs teriam tido estas sensações antes de morrer? Ela procurou seus braços, necessitava de algo que a sustentasse, que evitasse que caísse nesse nada.

Sua cara se contraiu em um sorriso feroz quando ela o tocou. O cabelo dele voava grosseiramente ao redor de seu rosto enquanto se movia, ainda mantendo-a aberta. Ele devia estar sentindo o mesmo que ela, fora de controle, cheio de desejo, de desejo. Quando ele endureceu e deixou escapar um bramido, ela tremeu enquanto o líquido quente disparava profundamente dentro dela. O grito que saiu dele não parecia humano, mas a liberação que veio com o grito a fez sentir como se o mundo desaparecesse e nada ficasse exceto eles dois. Ela tremeu e se agitou. E olhou seus olhos que uma vez mais brilhavam dourados.

Muito pronto, ele se afastou dela, saindo de seu corpo. Sentia-se machucada, mas gloriosamente viva. O calor que ele liberou ainda a enchia e fazia com que desejasse trazê-lo para ela uma vez mais. Assim que esse pensamento cruzou a sua mente ele girou para grunhir, seus olhos, outra vez, maliciosamente verdes.

– Limpe-se – ordenou. Ela olhou a ponto úmido na cama. Estava manchada de sangue, prova de que ele foi o seu primeiro. O único.

Iria casar-se algum dia. Este homem podia ter dito coisas horríveis, inclusive a odiado talvez, mas iniciou algo nela que jamais esqueceria. Nenhum homem, nem sequer seu futuro esposo, seria capaz de fazê-la sentir as milhares de sensações que este estranho forçou nela.

– Não posso me mover – Eleanora tentou mover suas pernas endurecidas, mas as sentiu débeis.

– Então te levarei. Se será minha durante o próximo período da lua, deverá estar limpa quando eu a tomar. Não haverá em ti nenhum outro aroma mais do que o meu.

Será minha. O que quis dizer? “Eu deveria explicar”, começou ela. Explicar o que? Explicar que enquanto ele estava inconsciente, ele se meteu dentro dela e ela não o rechaçado? Que deu boas-vindas à invasão?

– Sim, deveria. E o fará. Mas primeiro, tomará um banho. Logo, trocará os lençóis. E quero que tire esse vestido. Não fica bem. Apenas se ajusta a seu corpo. Enquanto estiver sob meu cuidado não usará roupa.

Ela olhava enquanto ele caminhava pelo quarto, sem dar-se conta ou sem se importar com a sua própria nudez. Seguia sendo fascinante. Olhou como seus músculos se esticavam e se flexionavam ao caminhar para até a chaminé para acender um fogo.

Suas costas estavam cheia de cicatrizes, algumas largas, outras só arranhões. E todas o faziam ainda mais formoso.

Olhou-o quando se agachou ante a chaminé, movendo a madeira antes de parar e tomar mais partes da pilha, adicionando-as e acomodando-as. Ele a olhou piscou um olho e voltou a prestar atenção no fogo. Seu coração esteve a ponto de sair horrorizado, quando ele se inclinou para frente, inalou e lançou fogo por sua boca. O homem e o dragão eram o mesmo. Ele não a salvou das garras do dragão. Pelo contrário, injetou-lhe veneno e a fazia sua presa a partir da compaixão que ela sentia pelo homem que ela pensou ser o cavalheiro que a resgatou.

Sentiu-se traída, mas instantaneamente, a fascinação substituiu essa primeira sensação. Dois dragões lutaram por ela e este ganhou. E agora sentia que seu lugar no mundo, seu destino, havia mudado.

CAPÍTULO 3

Mace sentiu uma forte sensação de culpa. Sabia que ela estava à mercê do seu veneno, entretanto continuou tomando seu corpo, tratando-a com desprezo e tentando invocar o dragão, depois que ele levou tanto tempo para poder controlá-lo. Não estava zangado com a mulher. Era seu irmão quem devia pagar pelo engano. Ainda assim não podia mostrar-se fraco aos olhos do inimigo, sem importar o quanto inocente era ela em termos humanos. Embora a tivessem ensinado o desejo, seu corpo jamais fora penetrado e suas defesas nunca foram despedaçadas. Mace vira tantas vezes, no passado, como funcionava o veneno do dragão, mas jamais viu alguém tão inocente reagir de maneira tão rápida. Tudo dentro dele dizia que ela era, na realidade, a espiã de seu irmão.

De todo modo, enquanto a observava dormir, com seu pequeno corpo envolto pela fina manta da cama, teve um desejo poderoso de protegê-la. Lançou um grunhido ao dar-se conta do que estava acontecendo. Era a maldição do dragão, a que foi lançada, muitos anos atrás, por uma mulher desprezada. Quando um dragão derrama o sangue de uma virgem, está em perigo de perder seu coração.

Internamente ele se sobressaltou quando as pernas dela mudaram de posição, deixando descoberta à dor que ele a infligiu, os machucados em suas coxas. O pêlo escuro se irisava entre suas pernas, ainda estava úmido pelo banho, igual ao seu comprido cabelo que gotejava sobre o travesseiro. Esta mulher estava tão exausta que não podia mais que derrubar-se na cama. Uma vez mais sentiu arrependimento e culpa, duas emoções as quais não estava acostumado.

Contra toda a lógica que ditava o seu bom julgamento, Mace se meteu na cama ao lado dela e a abraçou, tomando sua pele branca como a nata, que parecia a tela mais fina contra o seu corpo áspero. Seus olhos eram da cor do céu ao anoitecer. Ele fechou os olhos, tratou de relaxar junto a ela e de baixar o rimo de sua respiração para compassar com a dela. Fazia uma eternidade que não dormia em uma cama com uma mulher.

* * * * *

O corpo dela parecia não cansar nunca do dele, o que era o mais que frustrante. Pior ainda, despertou quando ele a tocou, arqueando as costas, procurando seus dedos sobre sua suave pele. Mace viu como seus olhos brilhavam de desejo cada vez que ele a tomava, esperando e desejando ver o medo neles. Pelo contrário pôde ver algo distinto, difícil de definir, algo que fez tremer até suas vísceras. O veneno desapareceu, dando lugar ao desejo dela por ele... desejo, puro e simples. Quem quer

que ela fosse ou de onde viesse, ansiava por suas carícias de uma maneira que muito poucas fizeram antes dela.

Ela foi sua prisioneira durante três dias e seu corpo estava com machucados da primeira noite em que brutalmente fizeram amor. Já se estavam pondo amarelados, descolorando sua pele, recordando-o de sua crueldade. Ele decidiu acabar com ela durante essas primeiras horas. Agora sentia que sua decisão debilitava enquanto que a dela não.

Ficou de lado e grunhiu ao ver o corpo completamente nu deitado a seu lado. Era uma mulher formosa. Seu cabelo comprido e escuro recordava o céu noturno, e sua pele era tão suave e fina como as areias mais brancas de seu lar. Ela não sentiu medo na noite anterior quando se aferrou em um abandono selvagem, enquanto ele a penetrava em sua calidez escura e úmida. Mace até sentiu desejos de saber como amar, de ter a experiência de seduzir sem força. Havia algo em Eleanora que o fazia desejar coisas que jamais pensou. Ele sabia que o que estava sentindo por ela era nada mais do que o resultado de ter derramado seu sangue de virgem. A maldição era poderosa e ele estava agora a sua mercê, mais que em outras oportunidades.

Ela murmurou em sonhos e se aninhou contra ele, apoiando a cabeça sobre seu ombro. Adormecida profundamente como uma menina, ela o assustava terrivelmente. O que supunha que devia fazer com ela? Jamais conheceu uma mulher que não se acovardasse ante seu tamanho e sua força. Seu maldito irmão a treinou bem, caso ela fosse sua espiã. O dragão dentro dele insistia que não devia confiar na mulher, mas o homem a olhava dormir e não podia deixar de se perguntar de onde vinha e por que o admirava tanto e confiava nele, quando ele não fez nada para que ela se sentisse assim.

Antes que pudesse evitar suas mãos tocaram seus seios. Eram surpreendentes, pequenos e firmes, com pontas rosadas que pediam para serem tocadas. Acariciou seu mamilo até que este endureceu a espera de sua boca. Ela gemeu, mas não se moveu quando ele a tocou. Ele a mudou de posição e pôs sua cabeça sobre o travesseiro. Seu escuro cabelo se esparramou sobre os lençóis brancos. Ele a via maravilhosa sobre os lençóis de cetim vermelho de sua cama, em seu lar.

Deslizou a mão pela coxa, abrindo suas pernas, procurando sua umidade. Estava sempre úmida! O conjunto grosso de cachos escuros chamava pela sua boca, atraía-o para que a tocasse aí, beijasse aí, trazendo-o para libertá-la com sua língua, seus dentes, suas mãos. Seu clitóris já estava duro esperando para ser tocado.

Ela voltou a gemer e se moveu o suficiente para abrir suas coxas por completo, arranjando um espaço para ele. Era tudo o que ele

necessitava. Ela o tomou enquanto ele dormia agora devolveria o favor, tomando-a em seu sonho.

Seu pênis inchou no momento em que se aproximou da abertura. A ponta ficou coberta imediatamente com o mel dela. Com um movimento rápido a penetrou profundamente, só parando quando suas bolas quentes se apoiaram sobre o traseiro dela. Escutou-a inspirar profundo. Os olhos dela se abriram de repente quando ele começou a mover-se para dentro e para fora de seu buraco.

Ela levantou suas mãos para acariciar seu peito, mas ele se negou a recebê-la. Tomou suas pequenas mãos e manteve seus braços sobre sua cabeça, apertando-a contra a cama enquanto bombeava dentro dela uma e outra vez. Ele se negava a tocar seus clitóris, apesar de que ela o enterrava nele. Ele se negava a tocar seus mamilos, apesar de que rogavam por sua boca.

Durante três dias, ela tivera orgasmos para ele, cobrindo seu pênis com seus sucos. Apertando-o a tal ponto, que ele pensou que ela arrancaria o pênis de seu corpo. Não mais. Ele não permitiria que ela gozasse, que encontrasse sua satisfação. A partir de agora não haveria nenhum prazer em seu acasalamento. Ao menos não para ela. Ele acabaria dentro de sua boca, sobre seu ventre, mas não daria a satisfação de desfrutar de seu próprio orgasmo. Seria uma prova. Se ela ainda o desejava, seria uma prova de algo mais em que estava trabalhando, algo mais forte que os laços de um espião com seu patrão. Nenhuma mulher o suportaria a menos realmente desejasse ser tocada por ele.

Ele não falou tampouco a olhou, enquanto seguia movendo-se dentro dela. Ela corcoveava contra ele, recebendo cada estocada com seu traseiro parado. Um traseiro que se prometeu encher logo que se cansasse de sua vagina. Outra prova de lealdade. Iria deixá-lo tomá-la? O coração dele começou a pulsar no ouvido e tudo era impreciso. Sensações as quais não estava acostumado pulsavam em seu corpo, dando-se conta da debilidade a qual essa mulher o submeteu.

Soltou suas mãos e ordenou: – Dê a volta – ela aceitou.

Sua cintura podia ser pequena, mas seu traseiro era carnudo e redondo. Ela o levantou no ar, permitindo ver os sucos que cobriam os lábios exteriores.

– Alguma vez a tomaram pelo traseiro? – Só o pensamento fez com que seu pau vibrasse. Sua vagina era bastante estreita, perguntou-se como seria seu traseiro.

– Não – Ela arqueou as costas quando ele se moveu contra ela, pondo seu pau na abertura.

– Quer dizer que meu irmão não fodeu esse seu lindo e pequeno buraco? – Uma prova. As palavras golpeavam em sua cabeça ao

pronunciá-las, inseguro de que outro modo poderia tratar esta mulher que aparentemente controlava seu corpo a tal ponto que o quão único ele podia fazer era possuí-la.

– Não conheço seu irmão.

Já havia dito isso várias vezes, mas o dragão dentro dele não acreditava. Ele sabia que ela tinha o aroma de Damon quando a montou na primeira noite. Mace mordeu a língua, com a esperança de controlar o dragão, cujo grunhido estava no bordo de sua consciência.

– Não conhece meu irmão – ele burlou dela. – Entretanto ele te mandou aqui para que seja minha escrava, minha prostituta. Golpeou-a no traseiro e olhou como sua carne tremia diante do seu tato.

– Talvez tenha que te golpear até que me diga tudo o que desejo saber – Voltou a golpeá-la, desta vez com mais força. Sua vagina derramou mais de seu creme doce e suas costas arquearam para receber o contato de sua mão contra a carne dela.

– Mmmm. Você gosta disso? – arrulhou ele contra seu ouvido antes de roçá-la brandamente com sua mão outra vez. Uma vez mais, ela gemeu e arqueou para ele.

– Quer me quebrar – a voz dela era um ronrono baixo, que zumbiu até ele.

– Jamais me controlará.

Ele a controlaria. A ela toda. Mace desejava penetrá-la e não pensar em quão maravilhoso seria senti-la apertando-o, firme como um punho, porém resistiu. Teria de haver uma maneira de controlar o desejo que sentia por ela, um desejo que parecia, ao mesmo tempo, uma bênção e uma maldição. Se pudesse permitir que o dragão dentro dele a tomasse, estava seguro que a assustaria. Mas algo em seu olhar dizia que ela não retrocederia diante dos dragões e que tinha magia suficiente para liberar-se das ataduras que a mantinham presa a rocha.

Quando a tomou, não foi nada mais que a união de dois corpos, deslizando dentro de sua cálida umidade e freando sua necessidade de montá-la pelo traseiro como a ameaçou. Os sons de prazer dela o deixavam louco, especialmente porque seu suave corpo o enfeitiçava de uma maneira que não gostava nem entendia. Grunhiu seu orgasmo muito antes do que queria, mas estava satisfeito pelo pequeno fato de que ela não gozou. Era parte de seu novo plano. Iria mantê-la no limite até que contasse seus segredos.

Desse a chave para derrotar seu irmão.

Ou contasse como conseguiu meter-se dentro de sua pele em tão pouco tempo, forçando-o a questionar todas suas crenças.

Eleanora aprendeu umas tantas coisas nestes últimos três dias. A mais importante era sua força. Não temia ao Mace, apesar de que ele

assim o querer. Podia dar-se conta pelo olhar selvagem de seus olhos cada vez que encontrava com os dela, mas havia algo suave e gentil na maneira com que a tocava, inclusive quando procurava controlá-la. Poderia tê-la machucado ou matado se tivesse querido. Entretanto, amava-a com uma impulsividade feroz, usando sua força para levá-la até ao limite do êxtase.

Ela o observava enquanto dormia. Algo dentro dela tremeu e sentiu dor apenas ao olhar sua mandíbula quadrada. Ela temia o que sabia ser verdade. O dragão não a assustava, mas o homem e o sentimento que crescia dentro dela sim. Mace não sabia o quanto seu sono era leve. Ele não sabia que ela havia sentido sua mão em seu rosto, cheia de ternura, noite após noite, sussurrando palavras sem sentido ao seu ouvido. Ele a abraçava e colocava a cabeça dela contra seu peito, jurando protegê-la de alguma força que ele acreditava desejava destruí-la.

Ela se aninhou em seu abraço e tratou de dormir. As respostas viriam pela manhã.

– Acorde – Os dedos tocavam suas bochechas, fazendo cócegas. Abriu os olhos e viu Mace de frente a ela com roupas que jamais viu.

– Estou acordada – sorriu ela, perguntando-se por que seu tom era tão suave esta manhã.

– Devemos voltar para o meu lar. Meu pai deve estar se perguntando por mim e estou seguro de que está mais do que pronta para ver meu irmão.

– Já disse que não conheço o seu irmão – recordou-o. – Onde encontrou essa roupa?

– São minhas. Um dragão deve estar sempre preparado. Tenho um lugar secreto nas montanhas.

Isso na beira de seus lábios, enquanto falava, era um tênue sorriso? Quando Mace sorriu? Ela viu uma vez, quando ele acreditou que ela dormia. Estava olhando ao nada, acariciando seu cabelo com as mãos e então olhou para ela e tocou seu rosto que ele supunha adormecido, com um sorriso como ela jamais viu. Foi então que ela soube que ele era um homem cheio de conflitos e de coisas que ela não conseguia entender. E agora, compartilhava com ela um pequeno segredo, o do seu esconderijo. Talvez o homem estivesse ganhando sua batalha contra o dragão ou talvez não. Ainda ficaria por saber o que aconteceria quando voltassem para a casa de seu pai.

– O que fará comigo? – O coração dela acelerou quando perguntou, não porque temesse por sua segurança, mas sim por sua sanidade. Faria com que a matassem? Iria vê-lo voltar para a sua esposa e a abandonar? A dor em seu peito aumentava enquanto pensava como

voltaria para a normalidade, logo agora que começava a se revelar o mistério do homem.

– O que os dragões fazem sempre com os humanos – grunhiu ele.

– O que é o que fazem?

Ele parou e passou sua mão por seu cabelo, um sinal de que, ela já sabia, mostrava sua frustração. – Você sabe que não posso deixá-la até a próxima lua escura. Você sabe que eu sou seu prisioneiro – O tom de sua voz indicava derrota, apesar de que não parecia ser um homem que conhecesse essa emoção.

– Meu prisioneiro? – Desde quando? Desde a primeira noite com ele, ela sentiu que ele a mantinha em uma cadeia.

– Sim – Ele caiu de joelhos frente à cama, surpreendendo-a com o movimento. – Você conhece o código. Sabe que quando um dragão e um humano acasalam, devem fazê-lo durante o período de uma lua. Por que nega isto? Por que insiste que não conhece o meu irmão?

Cravou seus dedos no joelho dela. Olhou a carne pálida nesse lugar. O que seguramente aprendeu dele é que odiava perder o controle. Aparentemente, mais do que odiava a seu irmão. Se ele realmente acreditasse que ela era espiã de seu irmão, não teria em conta nenhum código. Logo, ela compreendeu que ele era seu prisioneiro durante o período de uma lua, ao separarem-se, ele poderia machucá-la.

– Irá me matar ao final do período lunar?

– Não. Não matamos os humanos. Você já sabe.

– Então você…?

– Será livre para viver como quer. Enquanto isso não retornará ao seu povoado – Ficou de pé e deu-lhe as costas, outro sinal de sua frustração.

– Minhas irmãs! – Ela parou de um salto com as mãos sobre os quadris. –Minhas irmãs estão vivas?

– Não sei.

– Minhas irmãs, Isadore e Lucina. Asseguro que as conhece – Seu coração acelerou ante essa possibilidade.

Ele assentiu lentamente – Conheço-as.

– As…?

–Não. Não foram minhas. Agora vivem no palácio com dois dos homens de meu pai. Estão muito bem cuidadas. Melhor do que se tivessem ficado em sua aldeia para morrer de fome.

– Estão vivas – ela disse a ninguém em especial, seu coração crescia de alegria. Vivas. Iria vê-las e pedir ajuda.

– Age como se não soubesse de tudo isto – Quando Mace virou para olhá-la, desta vez ela viu algo em seu rosto que dizia que começava a acreditar nela. Talvez, finalmente, ela estivesse chegando até ele.

– Onde fica esta terra de vocês? – perguntou depois de terem comido e feito os preparativos para a viagem.

– Não está longe.

– E conseguiremos chegar?

– Não acredito que queira saber.

– Sim.

Mace olhou sua companheira. O dragão dentro dele ardeu, desejava gritar, assustá-la pelo engano que o colocou nesta situação. Entretanto, cada vez que o tentava, ela o olhava como se fosse a mais brava corajosa, em lugar de uma pequena mulher. Ela dizia não saber nada do seu povo e parecia realmente fascinada por cada nova informação que ele dava. E Mace rapidamente perdia de vista as provas que jurou usar para mantê-la sob seu controle.

A mudança seria a prova. Ele mudaria ante seus olhos e veria se o temia ou não. Rogava aos deuses que se assustasse, porque do contrário, ele não poderia continuar com seu engano. Algo no fundo de seu ser estava acontecendo, algo que ainda não podia definir. E não desejava definir. Tudo o que sabia era que ansiava pela pele suave dela, seus beijos tenros, suas amostras de paixão, necessitava-a tanto como respirar.

– Deveria deixar uma mensagem para Liesel, contando que usei sua cabana – disse de algum lugar atrás dele. Ele se deteve em seco e girou

– Liesel?

– Sim, ela é minha tutora. Está juntando ervas para o período lunar. Quando voltar, não quero que pense que alguém entrou para roubar.

– A curandeira? – Por favor, que não seja essa. Ele acalmou sua respiração esperando a resposta.

– Sim, a curandeira. Eu sou sua pupila.

Enquanto as palavras da Eleanora reverberavam em sua cabeça, o mundo inteiro derrubou a seu redor. Então as palavras de Liesel voltaram à sua mente. Você a encontrará quando menos esperar, querido Mace. Será ela quem mudará o seu destino. – Você é a pupila de Liesel?

– Sim.

Mace, filho, você não é tão mau como quer que todos pensem de ti. Há uma mulher que o domará, matará o dragão. Estou treinando-a para ti. E será de grande ajuda embora tenha seu próprio estilo nas artes.

Exigiu que dissesse o nome, procurou ameaçá-la. Liesel o advertiu.

– Se a encontrar antes que a lua considere que é o momento, destruirá tudo. Está destinado a governar Tyr. Precisa dela junto de ti.

– Mace?

– Sim. Não queremos que ela se preocupe – Sua voz não soava igual e ela o olhou, suspeitando de algo. Ele se perguntou se Liesel teria compartilhado com ela os segredos de seus destinos. E se perguntou por que demorou tanto tempo para unir todas as peças em seu lugar.

CAPÍTULO 4

Eleanora não se acovardou quando ele se transformou em um feroz dragão e se agachou para que ela montasse sobre suas costas. Ela se aferrou as suas costas durante a viagem sobre as montanhas, durante todo o trajeto, o fôlego quente dela estava no pescoço dele. Algo no interior de Mace estava mudando, estava mudando desde o momento em que a conheceu. E agora que sabia que ela era a predestinada pela Liesel, só podia pensar em como conhecer o resto da profecia, a parte que Liesel convenientemente omitiu.

Esta mulher não era uma princesa de outras terras como Liesel assegurou que seria sua companheira da alma. Não parecia ser mais que uma virgem destinada ao sacrifício, uma que ansiava estar com ele tanto como ele ansiava estar com ela. Alguém que se colocou debaixo de sua pele da pior maneira, que o deixava indefeso diante ela. Alguém que podia destruí-lo, caso se apresentasse a oportunidade.

O que ele acreditava que era amor ou sentimento em seu olhar, não era mais do que uma fria dignidade. Ela não se dobraria diante ele, o que não significava que se importasse. A dor que sentia em seu peito dizia que se importava muito mais do que desejava. Sentir emoções era um pouco proibido para ele, isso foi o que aprendeu desde menino. Mas algo nela, quando envolvia suas fortes pernas ao seu redor, fazia com que desejasse sentir pela primeira vez em muito tempo. Sua mãe ficaria decepcionada. Estava disposto inclusive a deixar o trono para seu irmão se isso significasse ser capaz de sentir algo por alguém. Não, não por alguém. Por ela.

Observou como sua encantada seqüestradora se reunia com suas irmãs, decidido a não se emocionar ante o amor entre elas. E ao mesmo tempo, perguntava-se por que sua própria família jamais compartilhou uma experiência semelhante. As mães dele e do Damon brigavam desde o momento em que os irmãos nasceram, com semanas de diferença, muitos anos atrás. Seu pai viveu em uma constante luta de poderes entre as duas mulheres até a morte de sua mãe três anos atrás.

– Encontrou-a – A voz familiar fez com que se volteasse para olhar a velha e sábia bruxa.

– Sim, eu a encontrei – Manteve o rosto impávido para que Liesel não pudesse ver sua mente.

– Não funcionará, filho. Eu o conheço desde que nasceu. Estive aqui na noite em que se estabeleceu seu destino de rei. E conheço seu coração. Ama esta moça.

Não estava preparado para escutar essas palavras. Amor. Sim, supunha que a amava. Se amar significava sentir uma forte dor interna que ameaçava destruir sua sanidade. Sentir uma insaciável paixão que ameaçava invadir o seu sentido comum.

– Não negue. Uma nova era se aproxima. Uma de paz. Seu irmão também encontrou algo especial. Uma mulher capaz de ser princesa.

– Eu serei o rei – grunhiu ele.

– Será. Ambos governarão em paz. Dois é melhor que um, concorda?

– Jamais compartilharei o trono com meu irmão!

– Sim, o fará. Ao finalizar o período lunar, verá a verdade de minhas palavras. Damon é um homem que mudou. A mudança está sob sua pele, como está a sua. Nenhum dos dois poderá negá-lo.

Não queria acreditar. O antagonismo entre os irmãos durava a sua vida toda. Era o que dominava tudo o que fazia. Jamais houve um momento sem ódio, até agora. “Damon retornou, então?”

– Retornou com várias surpresas – Liesel apontou para Eleanora. – Olhe para ela – insistiu. – Leva-a ao seu mundo. Seu mundo real. Em seu coração. Ela é tua tal como você é seu prisioneiro.

Como se estivesse esperando o sinal, Eleanora deu a volta e sorriu. O sorriso deslizou dentro dele e chegou até seu centro mais profundo, transformando-o, fazendo desaparecer toda a dúvida e todo o ódio. Devolveu o sorriso. De repente, a única coisa na qual podia pensar era em ter o cabelo dela sobre seus lençóis vermelhos. E amá-la.

– Seu dragão é bonito – comentou Isadore.

– Sim, ele é. Mas não confia em mim. Acredita que sou a espiã de seu irmão.

– Ah, sim, Damon. Outro que também é bonito. De todas as maneiras, nunca vi um dragão que não fosse atraente. Parece que o antagonismo entre eles é tão velho quanto eles. Mas faz três anos que estou aqui e é a primeira vez que vejo Mace sorrir assim. Lucina assentiu com a cabeça em direção ao dragão.

– Devo ir – Eleanora apartou seus olhos da formosa cara de Mace e abraçou as suas irmãs mais uma vez. Havia tantas perguntas que queria fazer. Mas agora estavam aqui, assegurando que jamais

voltariam para sua aldeia. Conteve o fôlego enquanto ele se aproximava e tomou com cautela a mão que ofereceu.

– Você gosta do seu novo vestido?

– O que importa o meu vestido se me prefere nua? – Ela adornou suas palavras com toda a amargura que pôde. A verdade era que ela também preferia estar nua com ele. E tinha pavor de que ele a deixasse.

– É verdade, pequena, mas se agora for ser membro desta comunidade, só poderá estar nua na privacidade do nosso quarto.

Ela ruborizou quando ele apertou sua mão. "Nosso quarto?".

– A menos que prefira fazê-lo ao ar livre? – Ele riu mostrando seus perfeitos dentes brancos. – Vejo que você ruborizou. Até aqui – Seus dedos passaram pela borda de seu decote. – Pergunto-me se seguir para baixo. Até aqui – Roçou um de seus mamilos, que se endureceu imediatamente. – Minhas mãos a acenderão.

Ela o olhou nos olhos e sustentou seu olhar. Não havia forma de poder ocultar o desejo que sentia por ele. – Eu gostaria de ver este quarto – ela sorriu, com sua valentia recuperada.

– E o verá.

– Pronuncia meu nome – A voz de Mace era um rugido. Mordeu-a no ombro enquanto a penetrava em seu ajustado buraco, uma e outra vez. Ela corcoveou contra ele, recebendo cada uma de suas estocadas. Quase nem chegaram até a sua nova habitação antes que seu vestido novo fosse feito em migalhas a seus pés.

– Mace – Ela gemeu seu nome, fazendo com que seu pau pulsasse ainda mais. Ter uma mulher como esta, gemendo e debilitada por seu toque, o seu amor era potencializado.

– Sim, pequena. Deve saber que sou seu amo.

As paredes internas da Eleanora se apertaram contra ele, como em um punho, recordando que tão somente há uns dias atrás ela desconhecia o que era estar com um homem. Agora rogava que a tocasse, que a aliviasse. Ele agarrou seus quadris e afundou seus dedos em sua carne suave enquanto balançava para trás e para frente, golpeando suas bolas contra seu clitóris endurecido. Amava tomá-la por atrás. Amava ver seu traseiro mover-se ao ritmo da força de suas investidas. Sobretudo gostava de estar dentro dela e planejava tomá-la de todas as formas possíveis.

Sentiu uma contração em suas bolas e soube que seu orgasmo estava próximo. Tirou seu pênis de sua vagina palpitante, lançou seu sêmen sobre seu traseiro e passou os dedos por ele, cobrindo sua apertada entrada. Ainda não a tomou assim, mas esta noite planejava fazê-lo. Esfregou seu líquido dentro do seu orifício, dentro de sua vagina, deleitando-se com a maneira com que o orgasmo a fazia tremer.

– Está pronta para mim?

– Sim.

Localizou-se em sua abertura e deslizou a cabeça de seu pênis para dentro, para abri-la um pouco. “Não se mova e não a machucarei”. Pretendia tranqüilizá-la, mas ela tremeu contra ele. Não por medo. Ela desejava isto tanto quanto ele. Ele se deu conta disso pela maneira com que ela arqueava suas costas contra ele, rogando que a enchesse.

Lentamente, lentamente ele se moveu para dentro, sentiu uma estreiteza que não conhecia. Quando seu pênis finalmente a encheu por completo, deslizou seus dedos para dentro de sua vagina e começou a acariciá-la até o orgasmo enquanto seu pau se mantinha enterrado em seu traseiro.

Deixou que ela estabelecesse seu ritmo. Ela movia seu traseiro para trás e para frente, colocando-o e tirando-o. A princípio se movia devagar e com cuidado. À medida que a tensão crescia em sua vagina, ela se movia mais forte e mais rapidamente, fazendo com que as mãos dele também aumentassem a intensidade.

Ele sentiu como a mão dela se aproximou para acariciar seu clitóris, um movimento que ele a ensinou quando a forçou a se agradar enquanto ele a observava. Ela gemeu e gritou seu nome por todo o quarto. Ele tirou sua mão de sua vagina e agarrou seus quadris, bombeando uma vez mais para obter seu alívio. Ela chegou por trás dele e agarrou suas bolas levando-o até o limite. O líquido quente saiu disparado contra suas paredes internas e fluiu pouco a pouco redor de seu pênis.

No momento que tirou seu pênis para fora de seu corpo, tomou-a em seus braços. Ficaram deitados ali, sem fôlego, os dois esgotados. Passou uma mão pela cintura dela e com a outra acariciou seu seio.

– Você me fez seu prisioneiro – sussurrou ele contra o ombro marcado dela. As marcas de seus dentes eram evidentes e a pele dela estava de cor púrpura.

– E eu sou sua escrava.

A palavra afundou em seu coração. Escrava. Ele fizera isto. Novamente, sentiu-se culpado e seu coração se retorcia ao pensar nisso. Olhou para o teto ele contou suas respirações e esperou poder acalmar o martelo do seu coração.

– Não a mereço. Não deveria estar aqui com um homem como eu – Separou-se dela e sentou na beira da cama. Seus ombros afundaram no momento em que ela o abraçou e apoiou sua cabeça contra suas costas.

– O que tem de mal em um homem como você?

– Não fui justo com você. Tomei mais de ti do que te dei. E prometo que a recompensarei. Começando agora.

– Mace, eu...

– Não. Não necessito de suas palavras. Não necessito de sua bondade ou da ternura de seus beijos. O que necessito é que me aceite. Pode amar a um homem que quase não pode controlar ao seu demônio? A um homem cujo dragão é uma criatura viciosa, violenta e que não se dobra facilmente? – Não respirou até obter sua reposta.

– Eu necessito de ti. Necessitei desde a primeira noite. Não posso explicar o que você produz em meu corpo.

Ele deu a volta nos braços dela e a pôs sobre o seu regaço. – Devo confessar algo, algo que talvez não queira escutar.

– Sim?

– Na primeira noite não se uniu a mim por sua própria vontade. Estava infectada com meu veneno. É um poderoso afrodisíaco. Foi o responsável por nosso acasalamento – E dizer isto, depois de tanto tempo, fazia com que a primeira noite deles juntos tivesse sido uma traição. – Vou recompensá-la por isso.

– Não me importa como passamos a primeira noite. Tudo o que importa é que agora você e eu nos entendemos. Vi seu mundo. “Compreendo sua maldição.

– De que modo entende a maldição? – Ele não a explicou.

– Tenho um sono leve. Escutei muitas das suas reflexões noturnas. Assim, você e eu estamos empatados em nossos enganos.

Tomou seu rosto entre suas mãos. – Quero que fique comigo.

– Não posso voltar para meu lar.

– Sei. Mas quero que fique comigo para sempre. Que seja minha.

– Quer dizer que continue sendo sua escrava, fazendo o amor com você? – Havia uma pequena intenção de risada em sua voz.

– Sim. Mas não como escrava. Como... – deteve-se enquanto as palavras ficavam engasgadas.

– Como? – Quando ela roçou seus dedos sobre os lábios dele, seu pênis voltou a saltar, recordando a sensação deles mais cedo.

– Como minha esposa – As palavras soaram mais como um grunhido do que ele havia esperado. Olhou-a nos olhos, esperando uma resposta neles. Brilhavam sem lágrimas. – Eleanora?

– Sim – ela assentiu grosseiramente, agora as lágrimas corriam por suas bochechas e sobre os lençóis.

– Sim?

– Sim, ficarei com você. Eu te amo.

– E eu a amo. Você e eu traremos paz a este lugar – Baixou sua cabeça até a dela e roçou seus lábios contra os dele.

– Se voltar a fazer isso, voltarei a tomá-la – Seus olhos brilharam sem temor, como só ela sabia, e voltou a trazer-lo contra ela.

Desta vez tomou-a mais lentamente, quase sem se mover, enquanto ela se aferrava a ele. Olhou-a, beijou-a nos olhos, nos lábios, nos seios. Logo subiu sobre ela, penetrando-a muito devagar, fazendo com que ela gozasse uma e outra vez, antes de ter seu próprio orgasmo. Baixou o olhar para seus lábios inchados, para seu clitóris inchado. Foi tão rude, mas ela se deleitava com ele. Era igual a ele. Abriu seus lábios com as mãos e observou como seu pênis entrava e saía, esparramando sua nata pelos lençóis, sobre seus lábios, suas bolas, enredando-se nos cachos de ambos.

Finalmente sua vagina começou a tremer, fazendo com que ele acabasse. Logo, os lençóis estavam cobertas com a prova de seu amor. Ele caiu sobre ela e a sustentou enquanto dormiam, sabendo que ali era exatamente onde estava destinado a estar.

* * * * *

Acorde, amor.

Eleanora não estava realmente adormecida, mas a cada manhã desfrutava das diferentes formas com que Mace a despertava, recordando a primeira vez juntos. Esta manhã não foi diferente. Seu fôlego roçou seu púbis, que na noite anterior ele barbeou para logo penetrá-la até que ela acreditou não poder mais suportar. Um sorriso cruzou os lábios dele ao pensar nas novas sensações.

– Tenho um presente para você – Sua voz era tentadora, mas ela decidiu esperar um pouco mais para ver o que ele preparou.

Ela sentou quando o objeto frio entrou em contato com sua pele nua. O que era isso? Ele o esfregou ao redor de seus lábios exteriores, excitando seu clitóris com ele antes de deslizá-lo para dentro. Sua abertura se alargou imediatamente, estirando-se para sustentar o objeto. Não sabia o que era, mas não era tão grande como seu pênis. Ela apertou a superfície dura.

– O que é isto?

– Um presente para você.

Abriu os olhos e viu que sorria. – Que tipo de presente?

– O tipo de presente que ficará dentro de você o dia todo.

Ela sentou e sentiu a leve pressão do objeto dentro dela. Não era incômodo, mas se sentia estranha, como se fosse cair caso ela se movesse. – O dia todo?

– Sim. Tenho uma reunião com meu irmão hoje. Na qual você irá. E enquanto estiver sentada ao meu lado apertará seus músculos aqui – ele correu seu dedo pelos lábios de sua vagina – E pensará em mim.

– Sempre penso em você.

– Ah, mas hoje vai estar cheia. E enquanto Damon e eu discutimos sobre nossos planos, eu a recordarei para apertar e se concentrar. Irá sentar-se ao meu lado e esfregarei seu clitóris através de seu vestido. E você gozará repetidas vezes silenciosamente, enquanto mantivermos a reunião. E esta noite, quando retornarmos, vou tirá-lo e deslizarei facilmente dentro de seu estreito orifício.

– Não posso manter isto dentro de mim o dia todo.

– Pode sim. E o fará. Se não o fizer, esta noite ficará muito sozinha.

Era uma advertência séria, mas Eleanora sabia que ele não poderia manter suas mãos afastadas dela. Durante o mês em que se conheceram, geralmente faziam amor todos os dias, várias vezes ao dia.

– Talvez seja você que se sentirá sozinho – brincou ela.

Ele apertou sua mão contra sua vagina, empurrando o objeto mais para dentro e fazendo com que ela tremesse de prazer. “O dia todo”.

– Sim, amo – ela sorriu antes de trazê-lo para um beijo.

Mace pensou que morreria se a reunião não terminasse logo. Eleanora estava sentada junto dele, sua vagina cheia com seu brinquedo de amor, seus sucos derramando-se cada vez que tinha um orgasmo. E gozou tantas vezes. Cada vez que ela apertava o joelho dele com suas mãos, cravando as unhas em sua carne por debaixo do tecido. De todas as maneiras, ele mantinha uma cara séria enquanto continuava massageando seus clitóris e empurrando o brinquedo de volta ao seu lugar por debaixo das dobras de seu vestido.

Aparentemente, Damon encontrou uma mulher para ele. Pela primeira vez, Mace se deu conta de que ele e seu irmão podiam chegar a um acordo de paz. Quando a reunião terminou e Mace e Eleanora ficaram sozinhos na sala de conferências, ele se voltou para ela.

– Levante o vestido – ordenou. Os olhos dela já brilhavam de desejo e ele podia ver seus tensos mamilos empurrando contra o tecido.

– Mas, meu rei, você disse que não deveria tirar este… seja lá o que seja – Era um protesto débil, com um sorriso malicioso.

– Não tirará isso. Talvez o tome enquanto ainda o tem metido em seu apertado buraco – Os grandes olhos dela se abriram ante a ameaça. – Pode receber a dois, não, meu amor?

– Suponho que esteja brincando – Ela mordeu o lábio enquanto ele a empurrava sobre seu regaço.

– Sente isto como uma brincadeira? Está disposta e pronta, meu amor. Alguma vez pensou como seria trepar com dois homens ao mesmo tempo?

– Não posso.

– Sim, pode. E o fará – Levantou-a sobre a mesa, empurrou a cadeira para trás e levantou sua saia para ver seu púbis bem barbeado. – Seus lábios estão tremendo por mim, tratarei de agarrar-me a eles.

– Mace – ela gemeu enquanto ele afundava sua cabeça para tomar seus clitóris entre os dentes.

– Diga que me deseja, então – Gostaria que fizesse amor gentilmente?

Ela estava gotejando. Seus sucos cobriam seu ânus, seus clitóris, brilhando como nata sagrada na luz. Ele passou sua língua de cima para baixo, desde seu ânus até seu clitóris, mordendo-a todo o caminho. – Não acredito que o tenha dentro de ti.

– É um desafio? – seu rosto se iluminou com um sorriso. “Deita”. Ele a empurrou brandamente para trás para que suas pernas estivessem bem abertas para ele. Com a língua e os dentes a forçou novamente até a beira do orgasmo e logo a soltou, antes que ela gozasse. Conhecia seu corpo tão bem, podia tocá-lo como ao instrumento mais delicado. Podia fazer com que ela gozasse quando ele queria, e podia deter o gozo também. Três vezes mais a levou até a beira, mas se negou a continuar.

– Por favor – ela rogou.

– Por favor, o que? – ele brincou contra seus lábios.

– Por favor, me tome.

– Ah, mas disse que queria que fosse devagar

– Que seja. Só me deixe gozar.

Ele inalou sua essência e a lambeu uma última vez antes de tirar o brinquedo de entre seus lábios inchados. – Seria uma convulsão premente se tentasse isto – advertiu. – Talvez devêssemos ir para nossa casa. Aí mostraria quão gentil posso ser.

– Não me importa. Por favor.

Ele conhecia este tipo de desejo. Era o que ele sentia toda vez que a olhava. Parou e pôs seu pênis em sua abertura, sua intenção de mover-se devagar era pouco natural. Mace acalmou sua respiração, tratando de acalmar o batimento do coração de seu coração, logo deslizou brandamente a cabeça inchada de seu pênis para dentro, dividindo seus lábios, estirando-os ainda mais, abrindo-a tanto que seu clitóris se moveu para roçar a base de seu pênis ao entrar nela.

Encheu-a profundamente, com suas bolas contra seu traseiro. Ele sorriu quando ela gemeu e se agarrou a ele, cravando as unhas nos braços, com sua cabeça arremessada para trás em êxtase, seus mamilos endurecidos franzindo-se contra seu vestido.

Quando ele começou a acariciá-la, ele estabeleceu o ritmo, passando a mover-se lentamente, tratando de se concentrar nas

sensações que o invadiam ao sentir cada pequeno espasmo de sua vagina ao redor dele. Antes não podia concentrar-se, já que passou sua vida somente tomando. Eleanora o mudou, fazia com que ele quisesse ser diferente, algo mais.

As lentas carícias eram enlouquecedoras, levavam-na a beira de algum lugar onde jamais estivera. Logo, o limite estava lá e ele ameaçou deslizar para cima quando seu clitóris se esfregou contra seu pênis e suas carícias aumentaram, dando a ela o orgasmo que procurava, enquanto cravava suas unhas em seus ombros. Quando sua vagina se agarrou ao redor dele, incitando-o a acabar, ela gritou suficientemente forte para alertar o guarda. Ninguém abriu a porta já que todos estavam acostumados aos jogos de amor de Mace.

– Assim é que se faz, amor. Goza para mim. Grita para mim. Que todos saibam que você é minha.

Os gritos dela ecoavam por toda a habitação, mesclando-se com o som de seu pênis esfregando dentro de seus sucos, golpeando contra suas paredes internas. Ela tremeu contra ele, seu próprio orgasmo era tão intenso que parecia que o machucaria.

Saiu do corpo dela e olhou à mulher que o mudou. Mace queria voltar a penetrá-la, para reparar seu abuso, seu engano e sua falta de confiança no primeiro encontro. Seu pênis voltou à vida e deslizou para dentro dela. Ela se voltou para trás, com os braços sobre sua cabeça, seu corpo aberto para ele. Só quando ele gozou, ela voltou a agarrar-se a ele e choramingar contra seu ombro.

– Eu te amo – ele conseguiu dizer enquanto ofegava em busca de fôlego.

–Eu te amo, dragão.

Ela se estirou para acariciar seu queixo, o que produziu outro espasmo em seu corpo. – Vamos para cama.

– Qualquer coisa que desejar.

Ela se agarrou a ele enquanto a levava pela escada traseira até a casa dele, deles. Só pararam uma vez para montarem um ao outro contra a parede. Ele ameaçou enfiar seu pênis e levá-la assim para cima, o resto da escada. Ela só sorriu e se agarrou mais a ele. Quando Mace finalmente a pôs na cama, ele soube que ela tinha seu coração. Ele olhou abaixo de sua cara, seus olhos estavam selvagens por ter feito o amor e pela antecipação.

Uma nova paz se aproximava. Se ele podia encontrar o amor, tudo era possível. Olhou como titilava a luz da vela, suavizando os traços do rosto dela, e soube que seu mundo nunca mais seria o mesmo de antes.

FIM



Projeto Revisoras Traduções

Grupo Romances Traduzidos

http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/

Comunidade Romances S.A.

http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161